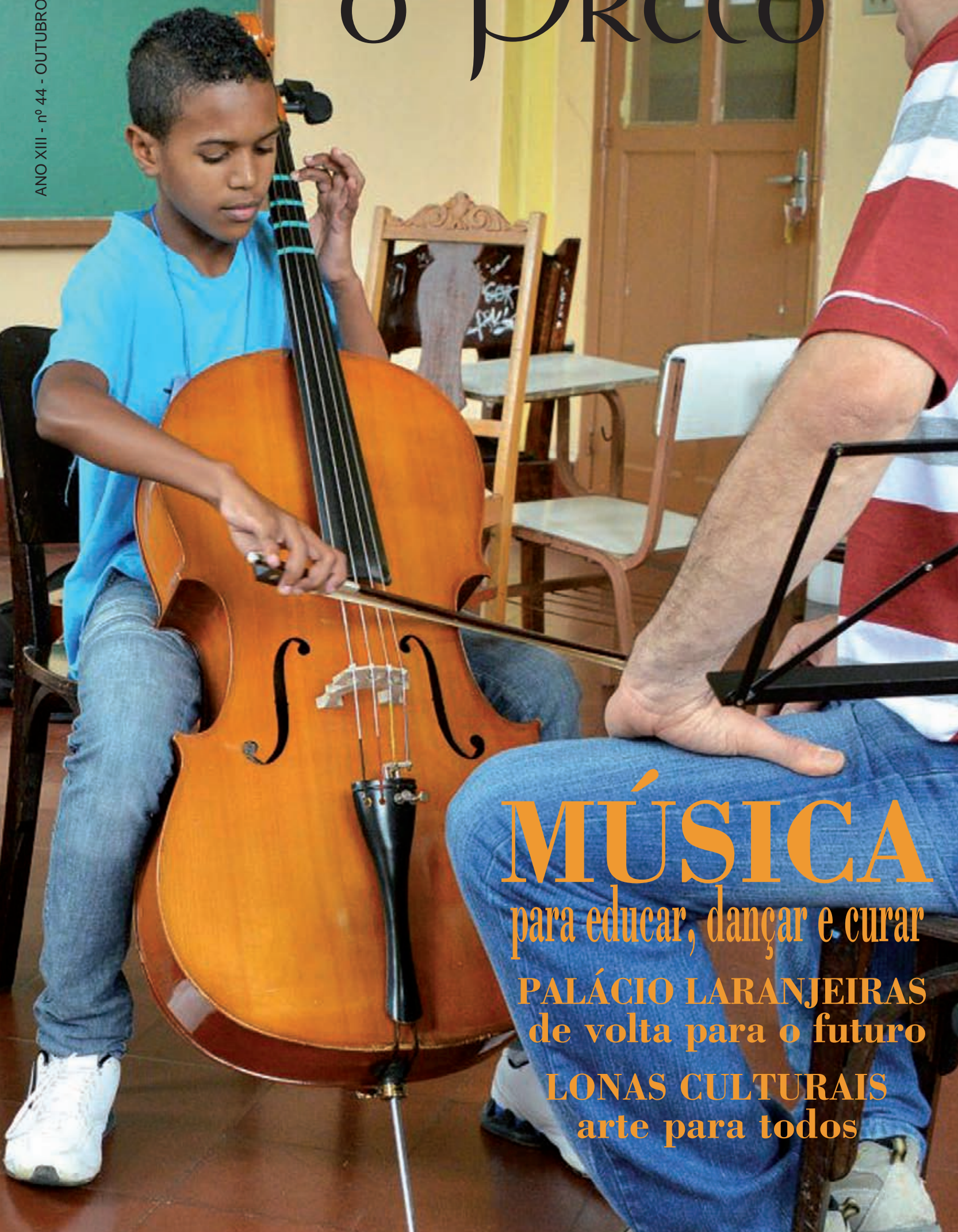


o Prelo



MÚSICA
para educar, dançar e curar
PALÁCIO LARANJEIRAS
de volta para o futuro
LONAS CULTURAIS
arte para todos

A ÚLTIMA VEZ QUE
O PALÁCIO LARANJEIRAS
FICOU TÃO NOVO,
O FUTEBOL TINHA
ACABADO DE CHEGAR
NO VIZINHO FLUMINENSE
FOOTBALL CLUB.

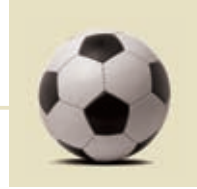


Foto: Shana Reis



Em uma obra totalmente financiada por patrocinadores e parceiros,
o Palácio Laranjeiras será completamente restaurado.
Em breve, esse cone da cidade, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico
e Artístico Nacional e pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do
Rio de Janeiro, estará aberto para que todos aqueles que amam o Rio possam
conhecer mais sobre a nossa história, entender o estilo de vida do início do século
passado e se encantar com esse cartão postal da Cidade Maravilhosa.





Luiz Fernando de Souza
GOVERNADOR

Francisco Dornelles
VICE-GOVERNADOR

Leonardo da Cunha e Silva Espíndola Dias
SECRETÁRIO DE ESTADO CHEFE DA CASA CIVIL



Haroldo Zager Faria Tinoco
Diretor-Presidente

Valéria Maria Souto Meira Salgado
Diretora Administrativo-Financeira

Walter Freitas Netto
Diretor Financeiro

Jorge Narciso Peres
Diretor Industrial

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Telefone: 2717-4141 PABX

www.imprensaoficial.rj.gov.br

o Prelo

ANO XIII nº 44

Revista de Cultura da Imprensa
Oficial do Estado do Rio de Janeiro

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Assessoria de Comunicação Social - ASCOP
Tels: (21) 2717-4682

Endereço eletrônico:
ascop@ioerj.com.br

Editado pela Assessoria de
Comunicação Social da Imprensa Oficial

Assessora de Comunicação:
Luana Soares

Redatores:

Luiz Augusto Erthal e Osvaldo Maneschy
Estagiários:

Camila Araújo
Camilla Alcântara
Gabryella Mendes
Larissa Greco
Laura Miranda
Marcia Mathias
Matheus Correia
Matheus Sousa
Talita Jeolás

Programação Visual:
Angela Duque
Luiz Fernando da Silva Reis

Revisão:
Assessoria de Comunicação Social
da Imprensa Oficial

IMPRESSA NO PARQUE GRÁFICO DA
IMPRESSA OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

DESTAQUES NESTA EDIÇÃO

MUSICOTERAPIA

4 Clínica social utiliza a música como método terapêutico

CENTRO CULTURAL DONANA

6 Espaço é referência cultural na Baixada Fluminense



CASA DE MÚSICA DE PARATY

8 Ponto turístico da cidade proporciona acesso à cultura a seus visitantes

RIO CHARME

9 Projeto social oferece aulas de dança aos cariocas

UERÊ

10 Escola se destaca com metodologia própria de ensino



PIM – PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO PELA MÚSICA

12 Educação musical gratuita em Vassouras



INSTRUMENTOS MÚSICAIS

15 Conheça novos sons e instrumentos inusitados

FAVELA BRASS

18 Músico britânico transforma a vida de crianças carentes

RESTAURO E CONSERVAÇÃO

20 Prédio histórico passa por revitalização

OURO NA CIDADE DE DEUS

23 Artigo de Arnaldo Niskier conta a história de Rafaela Silva

TODO ENCANTO DO BOTO CINZA

24 ONG atua na luta em prol da preservação da espécie

UMA VIAGEM COM
HISTÓRIAS PARA CONTAR
26 Biblioteca itinerante passa por diferentes cidades do Brasil



DANDO VIDA A BONECOS

28 Companhia de teatro realiza oficinas de montagem

ARTE NO SUBÚRBIO

30 Lonas são espaço de democratização e acesso à cultura

TRIO DE TRÊS

34 Grupo de teatro de bonecos educa através da cultura

AS OPINIÕES EMITIDAS NAS MATÉRIAS SÃO DE RESPONSABILIDADE
EXCLUSIVA DOS AUTORES



Clínica Social - os musicoterapeutas Luiz Antonio, Ana Sheila, Rosani, Ana Clara e Adriana

Veja como os sons, ritmos e melodias podem atuar como método terapêutico de pessoas com necessidades especiais

CURIOSIDADE

A música pode sim influenciar a percepção, atitude e comportamento das pessoas. Na guerra, por exemplo, os soldados costumam escutar um rock pesado como tática e inspiração, ao contrário de uma sessão de ioga, que tem uma melodia bem mais calma ao fundo, com sons que imitam a natureza. Os efeitos da música no cérebro funcionam da seguinte maneira: o som provoca estímulos nervosos que são enviados do ouvido ao tálamo, na região central do cérebro, que transmite esses estímulos para o centro das emoções, na parte superior do cérebro. De acordo com o ritmo da música, são enviados estímulos elétricos em frequências diferentes. Cada frequência alcança locais diferentes no cérebro e pode influenciar funções ou comportamentos variados.

O homem é ritmo por essência. Seja ao andar, ao respirar, através dos batimentos cardíacos ou mesmo da fala, a natureza humana é feita de musicalidade. Para se ter uma ideia, desde o ventre, um bebê já percebe sons internos e externos. Essas sensações auditivas compõem sua identidade sonora que vai definir o tipo de som que agrada e o tipo de som que traz sensações e emoções negativas, influenciando suas preferências até a vida adulta. No entanto, para além dos gostos, os estímulos sonoros geram efeitos positivos sobre a saúde mental e emocional dos indivíduos e atua como uma poderosa terapia.

Tudo começou após a Segunda Guerra Mundial, nos Estados Unidos, quando os médicos notaram que o uso da música nas enfermarias levou a uma melhora significativa nos quadros de pacientes com traumas físicos e psíquicos. Como precisavam investigar e comprovar cientificamente esses benefícios, eles investiram em pesquisas e, principalmente, na formação de um profissional qualificado que tivesse habilidade para usar a música como método terapêutico. Em 1944, iniciaram-se os primeiros estudos sobre o tema, no estado do Michigan (EUA).

Segundo a Federação Mundial de Musicoterapia, o tratamento consiste na utilização da música ou de elementos como som, ritmo, melodia ou harmonia por profissionais com um cliente ou grupo, num processo que visa a facilitar e promover a comunicação, a expressão e o relaxamento do sujeito. Além disso, a terapia ajuda o indivíduo a desenvolver seu potencial intelectual, a restabelecer funções neurológicas e principalmente, a encontrar uma forma de comunicação e relação com o meio social. No Brasil, uma das escolas pioneiras na área é o Conservatório Brasileiro de Música, que fundou o curso de Musicoterapia no ano de 1993.

CLÍNICA SOCIAL DE MUSICOTERAPIA

Localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro, a Clínica Social Ronaldo Millecco foi fundada em 2001 pela musicoterapeuta Lia Rejane Barcellos, juntamente com Ana Sheila Tangarife, a atual coordenadora. Sem fins lucrativos, a clínica funciona em uma das salas do Conservatório Brasileiro de Música (CBM), na unidade Tijuca, e atende a pessoas de todas as idades, sem necessidade de conhecimento prévio de música. "A música é uma linguagem não verbal. E na terapia que propomos, o importante não é só a canção ou a melodia, mas o som em suas variáveis. É através dele que tudo se transforma", conta Ana Sheila. O objetivo da Clínica é atender à prática dos alunos do curso de Musicoterapia do Conservatório, além de torná-la acessível à população de baixa renda.

Antes de iniciar o tratamento, é feita uma entrevista com pacientes e responsáveis

O poder de CURA da MÚSICA



para tentar desvendar sua identidade sonora ou musical. “A gente precisa conhecer a história que a pessoa tem com os sons e com a música. É muito importante porque a gente entra no universo desse paciente. Pegamos o que ele já tem de conexão com a música e com os sons e através disso, tentamos estabelecer uma forma de comunicação”, explica a coordenadora.

Ana Clara São Thiago e Adriana Padilha são estagiárias da Clínica e trabalham em dupla, sempre sob a supervisão de um profissional. O caso mais marcante que vivenciaram foi o de um menino de sete anos, hiperativo e com autismo severo. Ele não falava, apenas balbuciava sons. “Foi com isso que trabalhamos, acrescentamos bastante afeto e perseveramos. Em uma das sessões, ele subiu em cima do piano e saltou. Eu o segurei no colo e a Ana Clara pegou o *pau de chuva* – um instrumento bem calmo, com som de água – e deu na mão dele. Comecei a andar em passos fortes e ritmados e minha respiração ofegante acompanhava o ritmo. Ele simplesmente parou. Nesse dia, a hiperatividade foi a zero”, entusiasma-se Adriana ao contar a experiência.

Há muitos casos em que a linguagem do paciente não é a fala e, portanto, é preciso descobrir uma forma específica de comunicação e troca com ele. Antonio Carlos Lino, musicoterapeuta do Conservatório, acredita que a música traz uma resposta mais rápida, diferente de outros tratamentos de longo prazo, como a fonoaudiologia e a psicologia

CAMILA ARAUJO

clínica. “A música é como uma fumaça tênue que consegue passar por baixo da fresta da porta que está entre o terapeuta e o clientes. Somada às demais terapias, consegue percorrer esse estreito caminho para se chegar até o outro”, analisa o musicoterapeuta.

OFICINA DE MÚSICA

Em outro ponto do Rio de Janeiro, mais precisamente no Instituto Nacional de Cardiologia (INC), em Laranjeiras, a música também atua como aliada número um no tratamento de crianças e adolescentes. Em parceria com a Escola de Música da UFRJ, o Instituto oferece oficinas de música uma vez por semana. Lá, os alunos da universidade tocam instrumentos como violão, triângulo, pandeiro e outros de percussão, enquanto os pacientes acompanham cantando, entoando os ritmos e até sugerindo canções para o repertório.

Com a rotina estressante de exames, internações e cirurgias é inevitável que as crianças se tornem mais resistentes e relutantes ao tratamento. Não atoa: estão longe de casa, da família, dos amigos e do dia a dia com o qual estavam acostumadas. Marcia Porche, terapeuta ocupacional do INC, observa o quanto a música vem trazendo benefícios, por tornar o ambiente hospitalar o mais agradável possível. “A criançada adora esse momento! É muito estimulante para eles. A oficina de música relaxa, cria um clima descontraído e quebra a barreira entre os profissionais e as crianças”, explica □

SERVIÇO

Clínica Social de Musicoterapia
Endereço: Rua Padre Elias
Gorayeb, nº 15, 8º andar,
Tijuca – Rio de Janeiro
Tels.: 2238-3858 2553-4206
Site: www.cbmmusica.edu.br

Fechado em 1994 por problemas financeiros, o Centro Cultural Donana retorna com as atividades de cara nova, em 2009, após uma revitalização proporcionada pelo grupo O Rappa



Fotos: Talita Jeolás

A cultura no

O casamento entre educação, música e diversidade artística deu origem a um dos principais locais de fomentação de cultura da Baixada Fluminense, o Centro Cultural Donana, que funciona no município de Belford Roxo desde meados dos anos 80. O Donana é um espaço voltado para a alfabetização e as artes, promovendo diferentes exposições inclusive sobre as trajetórias de bandas e músicos que começaram com eles, como Cidade Negra e O Rappa.

“Aqui no mesmo quarteirão moravam os irmãos Bino e Lauro Farias. O primeiro é do Cidade Negra e o outro do O Rappa, além do Marcelo Yuka, ex-baterista do Rappa, que começou a tocar nesse quintal. A gente deu uma sorte de pessoas talentosas virem aqui para tocar e também trocar conteúdo”, explica o músico, artista plástico e diretor do Donana, Dida Nascimento.

O centro cultural surgiu quando os membros da família Nascimento resolveram criar um espaço, no próprio quintal da casa onde moravam, para desenvolver práticas educacionais e artísticas. No início dos anos 80, as filhas da rezadeira Dona Ana e do comerciante José, Severina e Iraci, trabalhavam no Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) e inauguraram uma escolinha, que abrigava turmas de 1ª a 4ª série (hoje, 2º e 5º anos) do Ensino Fundamental, no mesmo quintal, onde também já começavam a aparecer as atividades, como a capoeira. Com o falecimento da matriarca, o local foi batizado como Centro Cultural Donana, em homenagem à mãe de Dida.

Centro Cultural Donana realiza exposição sobre as trajetórias de bandas e músicos que começaram na Baixada Fluminense

MATHEUS SOUSA E
TALITA JEOLÁS

O espaço passou por uma grande revitalização que só foi possível devido ao apoio do grupo O Rappa, patrocinador do local. “Todas essas melhores instalações que vemos aqui foram por causa deles, não tínhamos recursos para essa reforma”, diz o músico. Contando com um trabalho voluntário, o centro cultural proporciona atividades como o “Reggae Donana”, “Metal Donana”, “Donana é Bamba”, “Cineclube Donana”, “Sarau Donana” e aulas de capoeira. “Hoje o local é formado por amigos e doadores que vêm para contribuir com sua própria arte, seja em qualquer área, pois temos vários eventos, que vão de apresentações de música reggae, rock e samba de raiz, pelo menos uma vez por mês, até o cineclube com exibição de filmes nacionais tendo sempre um debate logo após”, acrescenta Dida.

De forma permanente, as aulas de capoeira funcionam com alunos de seis anos em diante. Oficinas como as de teatro, dança e música sofreram com a falta de recurso para ser constante, mas Dida garante: “Vamos dar início à elas mesmo sem auxílio financeiro. Agora, nosso planejamento é de formar pessoas quando os cursos forem implementados com uma gestão mais séria querendo alcançar um maior número de pessoas”. Falando em maior público, o evento que mais gera visitantes ao local é o Sarau Donana, organizado pelo Coletivo Pó de Poesia.

DA MÚSICA À LITERATURA: PÓ DE POESIA

Dentro de um espaço cuja formação veio através da música, o Coletivo Pó de Poesia



"Estrutura do Pó de Poesia é cenário conhecido no Centro Cultural Donana. Os eventos do coletivo promovem muita integração com o público, que entra no clima do sarau".

quintal de casa

marca presença todo último sábado do mês no Centro Cultural Donana, alcançando e encantando o público com outra forma de arte: a literatura. "A parceria com o Pó de Poesia vem desde a fundação do coletivo, em julho de 2008", conta Dida Nascimento. O grupo fez diversas apresentações no centro cultural, até que se tornou atração fixa na agenda do espaço, com o nome Sarau Donana.

Depois de uma conversa com colegas sobre a movimentação poética no município de Nova Iguaçu, a professora Ivone Landim, fundadora do Coletivo Pó de Poesia, percebeu que a arte encontrava-se inerte. O objetivo do grupo foi traçado a partir disso, mas faltava um nome. "Eu gostava muito de um poema de autoria da Ivone que se chamava Pó de Poesia e quis musicá-lo. Quando ela mostrou o resultado para um amigo, ele lhe perguntou por que não nomeava o coletivo como o poema. Foi a partir daí que o projeto ganhou uma identidade", relata Dida. O primeiro Sarau do Coletivo Pó de Poesia ocorreu no dia 25 de julho de 2008, na Biblioteca Cial Brito, Nova Iguaçu, em um evento que homenageava escritores da Baixada Fluminense.

Tendo a juventude como seu público alvo, o Pó de Poesia sempre bateu na tecla do incentivo a escrita e a leitura na Baixada, além da criação de novos públicos para a literatura poética. "Basicamente nós fazemos a popularização da poesia. É importante que ela possa ser alcançada por todos, sem distinção de classe ou gênero, já que a poesia é tão diversa quanto o próprio ser humano é", explica Ivone.

"A gente deu uma sorte de pessoas talentosas virem aqui para tocar e também trocar conteúdo"

"Hoje o local é formado por amigos e doadores que vêm para contribuir com sua própria arte"

"É importante que a poesia chegue a todos, sem distinção de classe ou gênero, já que ela é tão diversa quanto o próprio ser humano é"

No Donana, o sarau é produzido por 17 pessoas do Coletivo Pó de Poesia, e estruturado para que a palavra escrita e falada seja protagonista. Porém, os eventos abrangem outras linguagens, como música, teatro, dança, cinema, cultura popular, folia de reis e quadrilha. "No Pó de Poesia pode tudo e um caráter forte do coletivo é sua itinerância. Embora o Sarau Donana agregue muito bem a diversidade, nosso grupo é realmente como o vento e se manifesta em lugares plurais e possibilidades poéticas", diz Landim.

O Coletivo Pó de Poesia é independente e não conta com patrocínios ou editais de incentivo, mas tem como parceiros, além do Centro Cultural Donana, a Escola de Artes Técnicas Paulo Falcão – rede FAETEC, em Nova Iguaçu, o Coletivo Fulanas de Tal, braço feminino do Pó de Poesia e o Espaço Cultural de Arte Livre, em Mesquita. "Nós estamos aqui para encorajar a proliferação poética, dar voz a quem tem algo a dizer. Todos precisam ter suas possibilidades poéticas atendidas, exploradas e divulgadas", explica Ivone, que acredita na força do Sarau Donana e no impacto positivo do coletivo. Para o futuro, a professora pretende criar o prêmio literário Pó de Poesia, dedicado a homenagear os poetas da Baixada Fluminense e dar visibilidade à periferia □

SERVIÇO

Endereço: Rua Aguapeí, 197, Piam, Belford Roxo – Rio de Janeiro
Tels: (21) 2662-2373 / (21) 99593-3099
E-mail: contato@donana.org.br
Site: <http://www.donana.org.br/>

Sons de Paraty

GABRYELLA MENDES

A colonial cidade de Paraty, localizada no Litoral Sul do Estado do Rio de Janeiro, é conhecida por suas belezas arquitetônicas e naturais. É impossível caminhar por suas ruas históricas – feitas de pedras pé de moleque – e não embarcar numa viagem pelo túnel do tempo. Casarões, igrejas, praias, cachoeiras, boa gastronomia, museus, festivais culturais, entre muitos outros. O que não falta na cidade é entretenimento. Entre as diversas atividades disponíveis no local, vale a pena colocar no roteiro a charmosa Casa de Música de Paraty.

Com uma programação diversificada, que inclui aulas de canto, flauta, violino e percussão, o espaço sedia a Escola Livre de Música, uma iniciativa da Casa de Cultura que, atualmente, atende cerca de mil alunos. Visando democratizar o acesso, a Casa de Música de Paraty oferece todos os seus cursos de forma gratuita e sem limitação de faixa etária ou classe social. Essas atividades privilegiaram uma abordagem de desenvolvimento da musicalidade como linguagem, mesclando teoria, prática e apuração dos sentidos e da estética musical.

Recentemente, o imóvel que é considerado patrimônio cultural, passou por obras de restauração, sendo adaptado para acomodar duas salas de ensaio com isolamento acústico, um ambiente para leitura e um mezanino. Mas as novidades não pararam por aí. A Casa de Música de Paraty tornou-se, também, a sede da Sociedade Musical Santa Cecília, que é a instituição cultural mais tradicional da cidade.

Apesar de possuir mais de meio século de existência, tendo

sido fundada em 1954, essa é a primeira vez que o conjunto ganha uma sede própria. Composta por 16 integrantes, a banda de sopro e percussão desempenha um papel indispensável na preservação do patrimônio imaterial da cidade, tão acostumada a ouvir seus tradicionais sambas, hinos e valsas. Marcando presença nos eventos mais importantes de Paraty e sendo convidada para se apresentar em diversas outras localidades, a banda chama a atenção por ter a maioria do seu repertório constituído por composições de paratienses.

Para a gestora da Casa de Música, Gabriela Gibrail, a parceria tem sido muito importante. “A banda Santa Cecília faz parte da vida cultural de Paraty. Ela possui um rico acervo, com mais de 300 partituras manuscritas, sendo muitas delas da primeira metade do século XX. Ter um local onde a banda possa mostrar não só a sua identidade, mas também realizar seus ensaios é maravilhoso. Saímos todos ganhando”, conta.

Vale ressaltar que os ensaios das banda Santa Cecília ocorrem as segundas, terças e quartas, das 18 as 21 horas e é aberto ao público. Os interessados em ingressar na Escola Livre de Música podem procurar a administração da Casa de Cultura ou acessar o site www.paratycultural.org.br. A Casa de Música de Paraty fica localizada no Centro Histórico da cidade.

SERVIÇO:

Casa de Música de Paraty
Endereço: Rua Dona Geralda, 282, Centro Histórico, Paraty – RJ
Telefone: 24- 3371-2325
Site: www.paratycultural.org.br

Casa de Música democratiza acesso à cultura na cidade

Foto: Divulgação



A Casa de Música fica localizada no centro histórico de Paraty

LARISSA GRECO

Realizado no Espaço Cultural Rio Hip Hop Charme, casa do famoso Baile do Viaduto de Madureira, o Projeto Rio Charme Social começou na década de 90, quando um grupo de amigos resolveu encontrar um local barato para iniciarem aulas de dança.

Em pouco tempo, o espaço que já contava com um evento de Pagode aos domingos, foi conquistando os jovens da região que buscavam aulas de dança para descontrair e arrasar na pista do tradicional Baile de sábado, conhecido por ser bastante democrático e estar sempre recebendo pessoas de diferentes lugares e classes sociais.

“As oficinas são uma maneira de muitas pessoas que não sabem ou tem vergonha de dançar, ficarem a vontade para se divertir, além de praticar uma atividade que ajuda muito na saúde. Graças a elas também, conseguimos atrair novos adeptos do Viaduto de Madureira” – contou o coordenador e responsável geral Michel Jacob.

Atualmente, o Rio Charme Social é um conjunto de três oficinas de dança charme, que buscam desenvolver habilidades básicas para que os alunos possam dançar e aprimorar questões como coordenação motora, noções de posicionamento e cuidar da saúde através dos exercícios físicos.

Com uma equipe formada pelos professores Lucas Leiroz, Rodrigo Rodrigues, Pedro Silva e Eduardo Gonçalves, pelos coordenadores Rafael Fernandes e Michell Jacob, o projeto é sem fins lucrativos, o que significa que as aulas não tem custo. “Nossas oficinas tem ciclos com duração de três meses. A cada ciclo que se encerra novas inscrições são abertas, podendo haver novas chamadas caso haja desistências. As turmas tem limite de 50 alunos e as inscrições se encerram ao alcançar o número de inscritos” – orientou Michell.

UM POUCO DE CADA

Direcionada para um público iniciante, a aula de Charme I tem como objetivo promover e criar os passos que são encontrados nos bailes de Dança Charme da atualidade. Elas acontecem as segundas e quartas, das 20h30 às 21h30 e aos sábados às 14h30.

Foto: Divulgação



Bem vindo ao BAILE

Projeto Rio Charme Social oferece aulas de dança à Madureira

*O projeto é sem fins
lucrativos e as aulas são
gratuitas*

Outra oficina também bastante requisitada é a Charme Classic, cujo objetivo é relembrar passos e músicas mais clássicas dos Bailes Charmes da década de 80 e 90. Elas acontecem às terças-feiras, das 20h30 até as 21h30.

E, por fim, a aula de Stiletto mostrando a importância da mulher dentro da cultura Charme e sua dança. Aula com introdução a Danças Urbanas. Essa oficina acontece toda quinta, entre 20h30 e 21h30.

Para participar, o aluno deve ter mais de 16 anos. Ao final do curso, cada aluno que estiver presente em 75% das aulas recebe o certificado da Oficina.

SERVIÇO:

Endereço: R. Carvalho de Souza, S/N - Madureira, Rio de Janeiro
Site: <http://viadutodemadureira.com.br/>
Facebook: www.facebook.com/viaduto-madureira

As crianças do Arco-Íris Dourado

Projeto Uerê, na Maré, trabalha para ser uma escola modelo apesar de todas as dificuldades que o cercam

TALITA JEOLÁS

“**U**erê significa criança em Iorubá, criança do arco-íris dourado”. A explicação é da filóloga Yvonne Bezerra de Mello, idealizadora do Projeto Uerê, que há 18 anos faz parte da realidade do Complexo da Maré. A escola conta com uma metodologia própria de ensino, a Pedagogia Uerê-Mello, voltada para jovens e crianças com bloqueios cognitivos e emocionais provenientes da exposição constante à violência.

Nas paredes da escola e também na página inicial do projeto na internet, há uma frase que define bem o que move o Uerê, que já beneficiou 130 mil crianças desde a sua criação: “Nós acreditamos que todos são capazes de aprender”.

Em 1990, Yvonne começou a trabalhar com os meninos da Candelária, no Centro da Cidade. Quando, três anos depois, ocorreu a Chacina da Candelária, a filóloga passou a ser conhecida no Rio de Janeiro, mas quase sempre de uma forma negativa. “Muitos me odiavam porque eu me importava com aquelas crianças”, desabafa. Yvonne buscava formas de melhorar a vida dos meninos realizando exercícios e dinâmicas. A iniciativa se chamava Uerê Sem Portas Nem Janelas, uma espécie de protótipo do que o projeto é atualmente.

Depois da tragédia, Yvonne migrou com os menores sobreviventes para baixo de um viaduto na Leopoldina. “Juntos, montamos uma sala de aula com sucata. Mais de 200 crianças frequentavam o local, não só da Candelária, mas de favelas próximas também”, relembra. A sala, depois batizada Projeto Coqueirinho, funcionou por quase quatro anos e chamou atenção da mídia internacional.

“Um dia me ligaram de Chicago perguntando o que eu queria. Disse que queria uma casa com espaço decente

para funcionar uma escola”, conta Mello. Em consequência do programa estadual “Morar Sem Risco”, comunidades próximas à Leopoldina foram realocadas para o Complexo da Maré e Yvonne resolveu ir junto; foi quando comprou a primeira casa do Uerê, que hoje tem cinco casas e 12 salas de aula.

Anualmente o projeto atende 430 jovens de seis a 18 anos, e oferece aulas de português, matemática, história, geografia, ciências e idiomas. A maior parte do conteúdo é dada oralmente e os usuais 50 minutos de aula contínua não existem no Uerê. A cada 10 ou 12 minutos, as crianças ganham uma pausa para realizarem atividades diferentes do que está sendo estudado.

“Esse formato de aulas ajuda muito na concentração dos alunos e no interesse pelo que está sendo estudado. Na escola tradicional, o importante é a escrita, aqui é aprender. Quando o jovem aprende oralmente, ele vai conseguir usar esse aprendizado na escrita”, explica Yvonne Mello.

Para manter a ordem na escola, Yvonne aposta na relação de confiança entre alunos e funcionários. “Quero que o espaço seja das crianças e que elas saibam disto. Todo mundo precisa ser protagonista. Educar é uma troca, entende? O ser humano tem mania de achar que sabe mais do que os outros, mas não sabe. O professor passa um conhecimento e o aluno retribui. É assim que conseguimos crianças felizes, equilibradas e que gostam de aprender e de estar na escola”, explica.

Em relação às dificuldades na vida das crianças fora do Uerê, Yvonne aposta no clima de confiança escolar para apaziguar esse universo complicado: “Todos aqui têm algum problema e o nosso trabalho é deixar o mundo da criança mais colorido. Não posso mudar uma mãe viciada em crack

ou um pai traficante, mas posso mudar o filho deles. Nós discutimos o que acontece na vida de cada um e damos oportunidade para a criança ser ouvida. Às vezes ela só precisa disso, saber que alguém está interessado no que ela tem para dizer”, conclui.

O SOM DO FUTURO

Como na maioria das instituições de ensino, o Uerê oferece além das aulas padrão, práticas extracurriculares. A diferença entre o projeto e as escolas tradicionais é que na Maré todas as atividades se misturam, assim como as dedicadas à música. “A mobilidade é essencial para a eficácia da pedagogia, já que é muito chato para o aluno ficar em sala o tempo todo. O que acontece aqui é que ele sai da aula de matemática e vai praticar capoeira, depois tem o inglês e aí vem o curso de violino”, explica Mello.

Fazem parte do Projeto Uerê aulas de futebol, capoeira e informática, além das oficinas musicais, que permitem as crianças aprenderem canto, violino e violoncelo. Fabiana Valentim, professora de violino, enxerga a música como uma possibilidade na vida de seus alunos: “Minha maior meta é formar pessoas de bem; é colocar jovens em um bom caminho, fora da marginalidade, onde possam se profissionalizar ou ingressar na faculdade”.

A semente da música foi plantada no Uerê em 2014, pela voluntária francesa Constance Despretz, e agora começa a dar frutos. “Quando as aulas começaram, tocávamos músicas fáceis com acompanhamento de áudio. Evoluímos e hoje estamos aprendendo o ‘Toreador’, de Georges Bizet”, relata Fabiana com orgulho. O repertório estudado vai além do clássico francês, focando majoritariamente na música brasileira, com sucessos de Vinícius de Moraes, Tom Jobim e outros.



Prodígios do Projeto Uerê mostram seus talentos em sala de aula e também em apresentações

Na música, o Uerê segue duas vertentes: As Cordinhas do Uerê e A Camerata de Cordas Uerê. O primeiro grupo foca em crianças mais novas, que estão iniciando o processo de aprendizagem de um instrumento. O segundo é um grupo mais plural, formando uma orquestra dividida em naipes, como são as habituais. “Trabalhamos com violinos, violas, violoncelos e baixos. A grande maioria é violonista, então o primeiro horário de cada ensaio é dividido entre os violinos agudos e os graves. No segundo horário, juntamos todos os instrumentistas”, explica Valentim.

Luís Felipe, violinista e aluno do Uerê há alguns anos, conta a possibilidade de aprender um instrumento musical é o que mais gosta na escola: “Quando estava em aula, ouvi uns barulhinhos estranhos vindo da sala de música e decidi ir ver o que era. Quando percebi que eram violinos, perguntei à professora se podia fazer o curso. Sempre gostei de música e agarrei essa oportunidade com tudo, não podia deixar passar. Decidi que quero ser músico profissional”, conta o menino.

Fabiana acredita que seus alunos têm condições de se profissionalizarem e garante que vai fazer o que puder para ajudá-los a alcançar seus sonhos: “Nosso grupo é muito novo, mas se um aluno chegar para mim e disser que quer ser músico profissional, vou ajudar. Quem sabe consegue uma vaga na orquestra da Petrobras? Quem sabe entra em uma universidade? O mais importante as crianças têm, que é o ritmo nato no corpo. Fazer acontecer depende só deles”, conclui a professora □

SERVIÇO

Endereço: Rua Tancredo Neves, s/n, Bonsucesso, Rio de Janeiro

Telefone: (21) 3881-6219

Site: <http://www.projetouer.org.br/>

Alunos do PIM,
Programa de
Integração pela
Música, aprendendo
instrumentos de
sopro e violoncelo.



Foto: Divulgação

Há 35 anos artistas de vassouras mantinham viva a tradição de bandas de músicas que tocavam e encantavam as cidades no interior de Estado do Rio de Janeiro. Apesar da preocupação em preservar essa herança cultural, muito se pensava sobre as gerações futuras e a manutenção cultural da música na região serrana.

Como iniciativa de transformação social Claudio Moreira, maestro e diretor artístico e musical, criou no ano de dois mil o PIM- Programa Integração pela Música. Tendo como principal objetivo oferecer ensino musical gratuito para crianças da rede pública de Vassouras, o PIM cresceu e hoje atende 278 alunos, com idades que variam de três à 96 anos. Além da própria Região Serrana, onde fica localizada a sede do programa, alunos da Região Metropolitana e Baixada Fluminense também fazem parte do PIM.

“Acho que ninguém jamais imaginou que fosse possível o programa durar 16 anos, porém, após o primeiro ano de existência, já era claro que o PIM não pertencia a ninguém, todos que por aqui passaram, são responsáveis por



Integração pela música

INICIATIVAS DO PIM

Música é profissão : Meio para estimular a remuneração dos alunos ao se apresentarem em eventos para isso a ação incentiva o processo de profissionalização do futuro músico através de bolsa auxílio.

Vestibular comunitário: O pré vestibular, voltado para alunos de escola pública, conta com professores voluntários que doam seu trabalho para que todos tenham acesso a educação superior.

PIM cultural: Responsável pelo planejamento e realização dos eventos mensais com presença da comunidade local e artistas voluntários apresentando-se lado a lado de alunos do Programa.

PIM Digital: Todas as apresentações e o trabalho realizado diário é registrado. O projeto tem sua função voltada apenas para o áudio visual.

BiblioPIM: Visando o incentivo à leitura. A biblioteca funciona através da troca e doações de livros entre os integrantes da comunidade.

Cine PIM: Oferecido gratuitamente tem

o propósito de divulgação da cinematografia, especialmente com produções recentes, curtas metragens e documentários.

Programa de Penas Alternativas: A parceria firmada com o tribunal de justiça do estado do Rio de Janeiro, Possibilitou o acolhimento de beneficiários do programa de monitoramento de penas e medidas alternativas a prisão.

Horta orgânica comunitária: Surgindo após o trabalho com pessoas que cumprem penas alternativas, visando despertar seu interesse nas tarefas realizadas.

Concertando a Sexta: Jantar realizado a cada dois meses onde músicos voluntários se apresentam e doam seus cachês para a instituição.

Brechó PIM: Mantém-se através das doações de roupas e acessórios vendidos a preços populares.

Hospedaria e Pensionato das Artes: alunos e professores de universidades e do próprio programa podem se hospedar a preços populares.

cada passo. E foram tantos, que hoje entendo e acredito que ainda chegaremos muito mais longe. Independente da minha presença ou de qualquer outra pessoa, o PIM terá continuidade graças à multiplicação de saberes um processo fundamental do programa, celebrado por cada aluno, e considerado um dos mais importantes projetos do PIM. É somente através dessa multiplicação que conseguimos recomeçar a cada ano”, foi o que relatou Claudio Moreira, responsável pela idealização e construção do PIM.

A metodologia utilizada no programa reflete a multiplicação dos saberes. Sendo proporcionada através de um ciclo de ensino, onde alunos mais antigos e experientes dão aulas e iniciam os alunos mais novos repassando seus conhecimentos, os coordenadores do PIM consideram essa uma das ações mais importantes dentro do programa



transformando vidas

O PIM – Programa de Integração pela Música, ao longo de seus 16 anos se tornou responsável por dar novos rumos a vida de crianças e adolescentes.

MARCIA MATHIAS



visto que essa forma de trabalho garante a continuidade dessa iniciativa.

Dezesseis anos depois de sua criação o PIM é capaz de atrair pessoas de todos os cantos do país. Anualmente são oferecidas palestras e debates sobre empreendedorismo cultural, oficinas de educação musical, mostra artística, além de artistas locais, grupos formados por alunos e professores do evento e Orquestra Sinfônica e Banda Jovem Regional do PIM, anfitrião do evento. Todas as atividades são gratuitas e duram sempre por cinco dias no mês de outubro.

No restante do ano o projeto oferece aulas de 20 instrumentos musicais, capazes de compor uma orquestra e banda, além de outras práticas como a teoria e percepção musical, canto e coral. Com tanto foco na arte sonora, fez-se necessária a criação de seis conjuntos capazes de executar tudo o que

é aprendido em sala: PIM Orquestra e Banda Sinfônica, Orquestra de Cordas, Banda e Orquestra Experimental, Coral infantis e infanto juvenil e por último criou-se o pontinho de ludicidade – Musicalização Infantil, esse recebe crianças bem novinhas como é o caso do fagotista Jeferson Luiz.

Hoje Jeferson possui 24 anos e conquistou o seu espaço na Orquestra Nacional – UFF, mas esse fagotista começou a escrever sua história no mundo da música aos nove anos quando assistiu sua primeira aula no PIM.

“Lá estava eu indo para meu primeiro dia de aula levando um caderno de música, uma pasta catálogo preta, lápis, borracha. Passado algumas semanas, já me preparava para minha primeira apresentação com o coral do PIM na Festa de Santa Rita de Cássia. Alguns anos depois comecei a estudar o fagote e me apaixonei de verdade foi



Cumprindo uma das finalidades do programa, os alunos se apresentam à comunidade, mostrando o resultado de seus trabalhos



quando tive a oportunidade de ter aulas no Rio como aluno do curso livre da Escola de Música da UFRJ. Paralelo a tudo isso, tive a oportunidade de me apresentar em diversos lugares do País com o PIM, passei a cuidar dos arquivos audiovisuais do PIM junto com outros amigos, que também renderam grandes experiências e um importante aprendizado. Mas em 2010 quando aprovado no vestibular, resolvi me dedicar exclusivamente a música”.

Quando Jeferson estudava para o vestibular o PIM ainda não possuía o Pré Comunitário, projeto atual onde ajuda jovens a ingressarem em universidades. Mas naquela época o futuro estudante da UFRJ contou com a ajuda das aulas de teoria musical oferecidas no programa,

sendo decisivas para Jeferson no Teste de Habilidade Específicas, prova obrigatória para quem pretende cursar música na universidade estadual.

O menino de apenas nove anos cresceu e viajando no mundo da música teve a oportunidade de conhecer o mundo real, quando ainda na graduação foi para a universidade Hochschule für Musik em Karlsruhe na Alemanha por um ano para a realização de um intercâmbio. Hoje esse mesmo menino que conquistou a Orquestra Sinfônica Nacional da UFF, deixa um recado sobre o PIM em sua vida. “Com certeza toda a minha vida teria sido bem diferente, começando pelo fato que dificilmente estaria trabalhando no meio musical, não teria me envolvido com tantas outras culturas, a chance de conhecer novos lugares seria bem menor, não teria conhecido pessoas incríveis o PIM mudou vida e eu serei sempre grato por isso”.

O programa que iniciou com o objetivo de manter viva a cultura musical, ao longo dos seus 16 anos projetos, ações e eventos foram criados pelos alunos para suprir suas próprias demandas. O programa até então voltado exclusivamente para a música seguiu também outros rumos com a promoção de eventos objetivando a qualificação e treinamento de produção cultural, através de concertos mostrando à comunidade e aos pais o trabalho desenvolvido no PIM, visando incentivar os alunos a exporem seus talentos.

Seja por amor ou por necessidade quem se envolve com o prazer da música se apaixona. Após anos vivendo e trabalhando com a música o menino de Vassouras cresceu e deixa como recado a sua visão diante dessa arte. “A música é uma linguagem universal que une as pessoas de diferentes culturas e nos enriquece de várias maneiras. A música aumenta significativamente nossas capacidades cognitivas, nos dá mais disciplina nos estudos e relaxa a alma. Profissionalmente ou não, nunca é tarde para aprender e nunca será em vão!”, finalizou Jeferson Luiz de 24 anos, fagotista da Orquestra Nacional e ex-aluno do PIM □

SERVIÇO:

Endereço: Rua Dr. Fernandes Junior, 89 – Centro, Vassouras RJ
Telefone: (24) 2471-9320
E-mail: pim@hotmail.com
Site: www.pim-org.com

Uma viagem pelos SONS

POR CAMILLA ALCÂNTARA

A música, algo tão natural e intrínseco à humanidade no nosso dia a dia, nasceu da vontade de explorar os sons da natureza. A busca por novas sonoridades sempre fará parte do trabalho dos músicos, que buscam expandir as possibilidades a cada disco, empregando um novo sentimento em cada canção. Nos anos 60, os Beatles mergulharam na música indiana para levar o sitar e a tambura ao seu álbum Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band, criando um pop rock psicodélico que, segundo críticos e musicólogos, marcou uma maturidade artística referente aos discos anteriores. Em 2016, foi o norte-americano Paul Simon, que aos 74 anos de idade, também exibiu influências asiáticas através de um instrumento chamado ektara gopichand, no

álbum Stranger to Stranger que também apresenta o cajón peruano na percussão.

Instrumentos musicais que se diferenciam dos tradicionais costumam acrescentar características marcantes às canções e levam aos ouvintes um pouco da cultura de suas origens. Muitas bandas possuem a ousadia de buscar novas experimentações com o intuito de garantir um charme extra ao trio guitarra/baixo/bateria que caracteriza principalmente o rock e o pop. Há também as que navegam por outros ritmos e conseguem misturá-los com maestria. Alguns artistas apaixonados tornam-se profissionais em objetos que à primeira vista, sequer se tem certeza de como são tocados. Históricos ou modernos, acústicos ou eletrônicos, os instrumentos musicais estão aí – e querem ser ouvidos.

As influências que atravessam o Oceano

Com sorte, ao passear pelo Parque Lage no Rio de Janeiro, você pode ouvir o som de uma viela de roda. E as chances aumentam se for em um feriado! É que lá é o local preferido do músico Rique Meirelles, que possui uma paixão pelo instrumento medieval e gosta de tocar nas ruas. “Geralmente toco onde há algum contato com a natureza. É muito bom ensaiar na rua e ver quem aparece”, conta.

O instrumentista conheceu seu instrumento favorito, que provém da península ibérica medieval, ao ver Nigel Eaton, músico britânico, tocando-o com Led Zepellin e com Loreena McKennitt. O timbre, segundo ele, parecido com um violino em uníssono com gaitas de fole, o encantou. “Quando toquei, foi um choque e um momento bem “wow”. Eu sabia que a música que eu fazia mudaria de vez”, relata.

Além de se apresentar nas ruas, Rique toca na banda Café Irlanda, adaptando a viela de roda para música irlandesa. A banda carioca une suas referências europeias ao jeitinho mais especial de se fazer música: o brasileiro. Quando recebeu o convite para fazer parte dela, o músico Kevin Shortall abraçou de vez o gênero. “Meu pai é irlandês, então cresci ouvindo música irlandesa. Mas sempre toquei outros estilos”, admite.

O estilo tão vibrante das *Irish Drinking Songs*

(músicas irlandesas para beber) é reproduzido por instrumentos bastante específicos, geralmente, com afinações adaptadas a ele. É o exemplo do banjo de Kevin: o tenor, que possui quatro cordas, afinação mais grave e compõe as bandas de música irlandesa. O tipo mais conhecido de banjo é o *bluegrass*, que possui cinco cordas e é marca registrada do estilo folk americano. Além do banjo, o músico também toca o *bouzouki*, um cordofone proveniente da Grécia que possui quatro cordas duplas. E ele garante que as canções divertem genuinamente o público brasileiro: “é um ritmo que anima e bota todo mundo para dançar”.



Foto: Pedro Costa/Divulgação

Rique Meirelles exhibe sua paixão

No Brasil, a banda de folk rock formada por Rodrigo Suricato, Guilherme Schwab, Pompeo Pelosi e Raphael Romano é referência no uso de instrumentos musicais curiosos. Em entrevista à revista O Prelo, eles falam de como se fez essa relação.

Talvez a característica mais marcante da Suricato seja a criatividade. Ela está presente no nome do seu último disco (*Sol-te*), nas letras, nos arranjos, e principalmente nos instrumentos usados para compor seu trabalho. Uma mala transformada em tambor, uma tábua de lavar roupas usada para percussão – podem parecer brincadeira, mas o nível de profissionalismo é surpreendente. Tudo vem por meio de muita pesquisa, e muita paixão.

O vocalista Rodrigo Suricato conta que o interesse pelos instrumentos incomuns surgiu como um processo de pesquisa pessoal. “Primeiro não veio a necessidade de ser diferente, mas a de conhecer outras cores, outros universos”, assegura. Para Guilherme Schwab, foi em 2010 que seus estudos se concretizaram na música. “Sou guitarrista,

O som em cores da Suricato

mas sempre me interessei por música do mundo inteiro, antropologia, etnomusicologia. Aí, comecei a pirar em outras sonoridades, música árabe, música celta, música australiana... Gosto de estudar um tipo de música em seu contexto social, entender por que é tocado aquele instrumento, o que ele representa para aquela sociedade.”

Dentre as inspirações, estão os artistas de rua dos Estados Unidos. O percussionista Pompeo Pelosi compara a Suricato a uma banda que pode tocar na rua a qualquer momento, pelo uso

majoritário de instrumentos que não precisam estar ligados à eletricidade.

“O *washboard* é uma tábua de lavar roupas que algum gênio conseguiu tirar o som da sua parte metálica”, enaltece Pompeo. Faz parte dos aparelhos que surgiram em um contexto de crise econômica norte-americana. Rodrigo conta que desenvolveu a mala bumbo para que lhe servisse de auxílio no processo de composição, para marcar a pulsação com o pé quando estivesse sozinho.

O *didgeridoo*, paixão de Gui Schwab, provém dos aborígenes australianos e é datado de aproximadamente 1.500 anos. O artista conta que conhecê-lo mudou sua forma de se portar como músico. “Nós, guitarristas, normalmente queremos tocar mil notas por segundo e o *didgeridoo* possui uma nota só que fica um tempão tocando. É o inverso do caminho”. Para ele, este contato foi um divisor de águas. “Você é obrigado a ser criativo com uma nota só! Uma coisa percussiva, mas tocando com a boca”, explica.

Além de marcar suas composições, os instrumentos também empregam a

Organologia e Museu Virtual

Os instrumentos musicais são tão variados que existem classificações de acordo com a maneira em que o som é produzido – e o nome da ciência que os estuda é organologia. Da parceria entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e a Escola de Música da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) nasceu o Museu Virtual de Instrumentos musicais, formado por fotografias de acervos que pertencem à Universidade e informações sobre a catalogação dos dispositivos sonoros.

No site, é possível conferir, além das fotografias dos instrumentos dentro de suas respectivas classificações, informações sobre a origem de cada um e alguns registros audiovisuais. Além disso, os pesquisadores do Museu Virtual se empenharam para restaurar as peças mais antigas do acervo. “Restauramos, limpamos e até conseguimos tirar som dos que não funcionavam”, conta Adriana Ballesté, do IBICT.

CONHEÇA ALGUNS INSTRUMENTOS

BOUZUKI



Foi criado na Grécia, no começo do século XX. Por causa de suas cordas dobradas, seu som pode ser comparado a um bandolim grave ou uma viola caipira.

CAJÓN



Pronuncia-se “carrón”. É um idiofone muito usado para marcar a percussão em peças acústicas. O músico se senta em cima dele, e usa as mãos para bater na caixa.

CIGARBOX GUITAR



O instrumento usado pela Suricato possui quatro cordas e uma caixa de ressonância que imita uma caixa de charutos.

TAMBURA



Cordofone composto por cordas dedilhadas e braço sem trastes. Costuma acompanhar a música vocal.

identidade da banda em suas versões. “Gostamos de colorir com outras cores, o que nem todo mundo está acostumado...”, metaforiza Rodrigo. “A gente pode tocar uma música muito conhecida, mas só pelo fato de você pegar um instrumento diferente, de certa forma ela já ganha um frescor, ganha algo novo, que te leva a outro lugar”, acrescenta.

“Por que não brincar com isso?”, questiona Guilherme. “Você não é obrigado a tocar samba porque está com um cavaquinho! Você pode tocar um blues de cavaquinho. Sair do lugar comum.” Para ele, a viola caipira tem tudo a ver com o blues. “Sempre curti a viola caipira, e acabei inserindo na nossa praia mais blues, rock”. Por mais estranha que pareça a combinação, o resultado final é um som de fácil compreensão. Rodrigo brinca com ideia: “Costumo dizer que a gente é o povo mais estrogonofe com feijão do mundo, a gente mistura as coisas sem nenhum critério”, e com eles, essa liberdade de construção resultou em uma identidade.

Apesar da originalidade como marca, Pompeo assinala que ela vem para gerar

uma curiosidade no público. Rodrigo completa que a construção de suas canções combinou com o momento artístico do grupo. “É interessantíssimo ainda ter um piano, um simples violão soando... brincaremos quando houver a necessidade de pintar com outras cores”, finaliza □

SERVIÇO:
<http://mvim.ibict.br/>
<http://www.suricatooficial.com.br/>
<http://www.cafeirlanda.com.br/>

No disco Sol-te, é possível conferir o uso do digdjeridoo, da viola caipira, do ukulele e weissenborn em faixas como Inseparáveis, Trem e Not Yesterday

Foto: Camilla Alcântara



MALA BUMBO



Como o nome sugere, a mala bumbo é um tambor confeccionado a partir de... uma mala!

HANG DRUM



Não, não é um disco voador. O Hang é um idiofone construído a partir de duas meia-conchas de chapas de aço coladas juntas pelas bordas, e seu interior é oco. O som percutado é incrivelmente delicioso!

SITAR



Instrumento de cordas da família dos alaúdes. Possui origem indiana e som metálico.

WEISSENBORN



A “guitarra havaiana”, ou lap steel, é como uma guitarra comum, mas feita para tocar-se na posição horizontal.

VIOLA CAIPIRA



Parece um violão mais “acinturado”. Entretanto, a disposição das cordas da viola é de 10 cordas, dispostas em 5 pares. Os pares são tocados sempre juntos, como se fossem uma corda só.

VIOLA DE RODA



Também chamada de sanfona, a viola de roda possui uma história antiga. Era tocada nas cortes da França nos anos que precederam a revolução francesa. Para tocá-la, uma mão gira uma manivela enquanto a outra faz as notas em um teclado.

BANJO



Um banjo é qualquer instrumento de cordas que possui uma pele ao invés de uma caixa de ressonância. Seu som possui um volume mais alto, porém, uma sustentação bem menor, ou seja, ressoa por pouco tempo.

GOPICHAND



“Ektara gopichand”, “iktar”, “ektar” ou “yaktaro gopichand” é um instrumento que possui uma única corda e é utilizado na música tradicional de Bangladesh, Índia e Paquistão.

*Classificações explicadas pelo Museu Virtual de Instrumentos Musicais



O Fundador do Favela Brass, Tom Ascher, é trompetista



O projeto recebeu doações de instrumentos da Inglaterra



Crianças aprendem música e se integram na comunidade

O melhor da música em Santa

Favela Brass traz aulas de percussão para crianças de Santa Teresa

LARISSA GRECO

Em meio à movimentada Santa Teresa, conhecida pelo seu papel cultural na cidade carioca, a favela Pereirão há dois anos vem contagiando o bairro com um projeto musical destinado às suas crianças. O Favela Brass, como é chamado, foi fundado pelo trompetista britânico Tom Asher, que apaixonado pela música carioca se mudou, em 2008, para o Rio de Janeiro.

“Logo que cheguei, percebi que as crianças, que vivem em comunidades carentes e estudam em escolas públicas, geralmente não tem a oportunidade de aprender instrumentos de sopro. Foi então, que em 2014 eu, que já participava de outros projetos da cidade, abri as portas da minha casa para receber as crianças do meu bairro, Santa Teresa, e ensiná-las a tocar esses instrumentos” – conta Tom, que ainda garante ter conseguido doações de instrumentos de segunda mão da Inglaterra.

Nesses dois anos de projeto, o Favela Brass conquistou 36 alunos, todos com idade entre cinco e quinze anos. “Das 36 crianças que ensino, seis são moradores do Morro do Fogueteiro e 30 do Pereirão. Temos contato com as famílias, exigimos uma boa frequência nas aulas, que acontecem três vezes por semana. Além disso, meus alunos tem a liberdade de levar os instrumentos para casa e estudar. E eles fazem isso” – garante o fundador do projeto.

No Favela Brass, as crianças aprendem as músicas do Rio: marchinhas e muito samba contagiam o ambiente. Mas não é só isso que se é ensinado. Recentemente, Tom começou a levar aos seus alunos, um pouco da tradição de Nova Orleans, a cidade que respira o Jazz. A nova ideia é misturar os ritmos e as tradições, Brasil e Nova Orleans.

Além do fundador, o Favela Brass conta com uma equipe formada por



Percussão, trompete, clarinete e saxofone são ensinados na favela Pereirão



Hoje, o projeto possui 23 alunos

Mangueirinha e Saubole, professores de Percussão, Alejandro e Pedro Pamplona, professores de saxofone, Mariana dos Santos, que domina o clarinete e Grace Holleran, a professora de trompete.

Para Ana Portugal, aluna do Favela Brass, participar do projeto só traz benefícios para sua vida. Aos 10 anos, ela garante que não pretende largar a música e celebra as novas amizades que fez. “Tenho prazer em aprender a tocar esses instrumentos, a música me faz bem. Além disso, aqui fiz novos amigos e conheci pessoas especiais” – vibra.

OLIMPÍADAS 2016

O Favela Brass deu um grande e importante passo durante as Olimpíadas Rio 2016, que aconteceram em agosto na cidade maravilhosa. Com o intuito de dar mais visibilidade para o projeto, a equipe consultou uma agente cultural meses antes do evento. Aconselhados a colocar a banda na rua, a equipe do Favela Brass – que já realizava pequenas apresentações – se inscreveu e conquistou seu lugar no Prêmio de Ações Locais – Cidade Olímpica. Dessa forma, o projeto teve a oportunidade de ocupar palcos e espaços culturais destinados à Rio 2016. “A nossa programação em agosto foi bastante intensa. Foi uma maratona onde nos apresentamos durante os 16 dias em lugares como o Centro Cultural Artur da Távola, na Tijuca, a British House, residência britânica oficial nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 e o Boulevard Olímpico, localizado na Zona Portuária do Rio de Janeiro” – completou Tom Asher ▣



O jazz de Nova Orleans se junta às marchinhas e ao samba carioca

SERVIÇO:

Endereço: Rua Almirante Alexandrino, 2023,
Santa Teresa
Facebook: <https://www.facebook.com/favelabrass>
Telefone: (021) 99109-4882

PALÁCIO. Laranjeiras

DE VOLTA PARA O FUTURO

Fotos: Divulgação



A fachada cor de cimento, o piso externo do entorno em blocos, as salas pintadas em verde malva e a cor dos tecidos estampados na decoração dos quartos já marcam o novo Palácio Laranjeiras. Todos esses elementos foram cuidadosamente estudados pela equipe responsável pelo mais abrangente restauro realizado no palacete desde que foi comprado pela União, em 1947. Com o fim das intervenções, previsto para até o fim do ano, o espaço será aberto à visitação pública.

Os profissionais responsáveis pelo minucioso trabalho integram o Departamento de Conservação e Restauro, da Superintendência de Engenharia e Manutenção da Secretaria da Casa Civil, além de técnicos da empresa contratada para executar o projeto, patrocinado com recursos da Petrobras e outras empresas. O objetivo é que o palacete volte a ter as mesmas características da época que pertenceu à família Guinle.

Antes do início de intervenções em imóveis históricos tombados, a equipe precisa elaborar um documento com as descrições dos procedimentos de execução do projeto e os materiais usados, entre outras informações. No caso do Palácio Laranjeiras, o material foi enviado para o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e aprovado por ambos, que permanecem acompanhando a obra.

- O restauro sempre busca levar o bem às características mais próximas das originais. Por isso, os materiais precisam ser idênticos aos daquela época, ou o mais próximo possível. As técnicas de restauração buscam simular a forma como o trabalho foi executado inicialmente. O grande desafio é trabalhar um século para trás e outro pra frente: usando as técnicas construtivas de um século atrás para levar o Palácio a mais 100 anos de vida, com tecnologias e novas exigências construtivas - explicou a diretora de Conservação e Restauro da Casa Civil, Simone Algebaile

Na obra do Laranjeiras, Simone acompanha as intervenções



As técnicas de reparo são precisas

“O grande desafio é trabalhar um século para trás e outro pra frente: usando as técnicas construtivas de um século atrás para levar o Palácio a mais 100 anos de vida”

Visitação

Com o fim das obras de restauro, o espaço será aberto à visitação pública. Além da Petrobras, outras 12 empresas custearam as obras do Palácio Laranjeiras: Ambev, Bradesco, Bradesco Seguros, Cedae, CSN Energia, Gás Natural Fenosa / CEG Rio, Eletrobras Furnas, Light, MRS Logística, Instituto CCR, EDF Norte Fluminense e Vale.



no acervo de bens móveis e integrados (tudo aquilo que está aderido à arquitetura, como boiserie, marchetarias e marouflages). Também lotados na Superintendência, Cristiane Suzuki e Renato Marinho atuam na intermediação com as equipes que fazem os procedimentos civis da obra (serviços de contrapiso, instalações elétricas, etc).

ESPECIALIZAÇÃO

Profissionais altamente especializados são contratados pela empresa responsável pelas obras para fazerem a conservação e restauro do Palácio Laranjeiras. Eles são responsáveis pelas intervenções nos pisos em mosaico (de miniazulejos), nos pisos em marchetaria (peças de madeira que formam um desenho ou mosaico), nas boiseries (paredes emolduradas com painéis de madeira em relevo), nas marouflages (pinturas em tecidos) e nos vitrais.

- Todas essas pessoas, além de formação específica, têm anos de experiência e domínio da execução. Isso é importante porque o acervo do Laranjeiras é im-

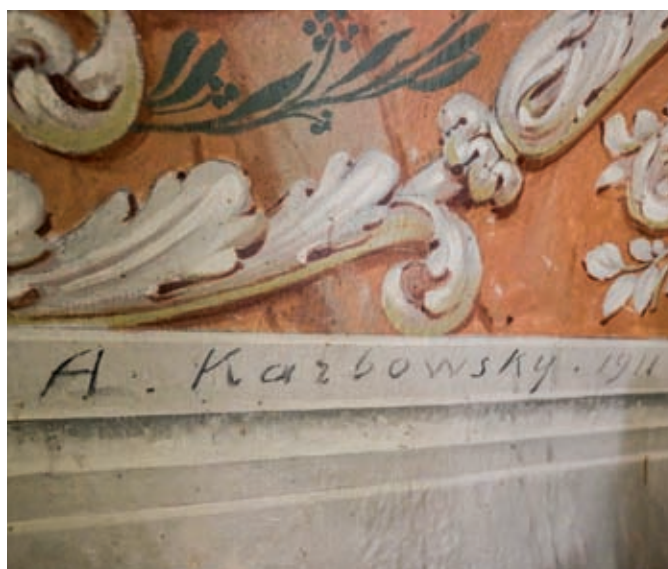
portantíssimo, o prédio é muito luxuoso e as técnicas são muito refinadas - afirmou Simone.

REVELAÇÕES DO RESTAURO

Até o atual restauro do Palácio Laranjeiras, o autor da obra *O Triunfo de Apolo*, que decora o teto do Salão Império, era desconhecido. A assinatura de A. Karbowsky ficou esmaecida na marouflage com o passar dos anos.

Em 1982, após o primeiro restauro do imóvel, a então

primeira-dama do Estado, Zoé Chagas Freitas, publicou um livro com a história e o acervo do Palácio Laranjeiras, já sem o nome do autor. Desta vez, a equipe de Conservação e Restauro da Casa Civil consultou o Livro de Encomendas da Maison Bettenfeld, responsável pela decoração dos interiores do palacete, e encontrou o nome de Karbowsky. Graças ao trabalho minucioso dos restauradores, a assinatura voltou a ser visível.



A restauração revelou a assinatura de A. Karbowsky, autor da tela *O Triunfo de Apolo*, que decora o teto do Salão Império

Soluções de arquitetura para desafios contemporâneas

Finalizado em 1913, apesar de muito moderno para o período, o Palácio Laranjeiras foi construído em uma época com menos exigências tecnológicas e de segurança do que atualmente. Neste restauro, toda a infraestrutura está sendo modernizada: cobertura substituída, ar-condicionado central instalado, telefonia, internet, rede elétrica, segurança predial, entre outros serviços são realizados.

Toda a fiação da casa foi substituída. Os fios eram encapados com pano, material inflamável, aumentando o risco de incêndios. Já o telhado, feito com telhas em ardósia e telhas francesas, foi refeito para evitar infiltrações. Uma manta metalizada foi colocada por baixo do telhado, como uma subcobertura.

- É um desafio trazer elementos modernos para um prédio histórico, como o Palácio Laranjeiras, com todas as paredes, tetos e pisos decorados. No entanto, a casa foi construída como se fosse um esqueleto, então entre a alvenaria e as paredes internas temos um vão por onde passamos as tubulações e fiações. Esse é o único caminho possível - explicou Simone Algebaile.

O sistema de ar-condicionado central foi instalado e seus condutos camuflados por toda a residência. Para refrigerar o andar térreo, as máquinas geradoras foram instaladas no subsolo e as saídas de ar, abertas nas bordas do piso em madeira. Já para o segundo andar, as máquinas foram colocadas no sótão, entre o forro e a cobertura, com saídas no teto. Pelos vãos das paredes, também circulam a fiação da rede de dados, de telefonia e do circuito fechado de TV.

Para as paredes forradas, foram comprados novos tecidos, que recebem um tratamento anti-chamas e a equipe de Conservação e Restauro estuda uma forma de esconder o sistema de detecção de fumaça.



O desafio foi levar infraestrutura moderna sem modificar o aspecto histórico do Palácio

Cenário único

Palco de importantes momentos históricos, o Palácio Laranjeiras também já foi cenário de produções cinematográficas e televisivas. As belas fachadas, a decoração única e o luxuoso jardim da casa inspiraram os telespectadores.

Entre 1998 e 1999, algumas cenas do seriado *Mulheres*, foram filmadas no Laranjeiras. A produção mostrava a vida das médicas Martha Corrêa Lopes (Eva Wilma) e Cristina Brandão (Patrícia Pilar) e o cotidiano de uma clínica especializada em atendimento a mulheres. As minisséries *Cinquentinha*, *Maysa - Quando Fala o Coração* (ambas de 2009) e *Na Foma da Lei* (2010), também tiveram algumas cenas no palacete.

Partes dos filmes *Xuxa em O Mistério de Feiurinha* (2009) e *Tropa de Elite II* (2010) foram filmadas na antiga residência da família Guinle. Cenas das novelas *Viver a Vida* e *Cama de Gato* (2009-2010), *Escrito nas Estrelas* (2010) e *Cordel Encantado* (2011) também foram registradas no ambiente. A última produção no local foi *A Regra do Jogo* (2015-2016), quando a personagem Atena (Giovanna Antonelli) deixou um hotel após aplicar um golpe □



O palacete deve voltar a ter as mesmas características da época em que pertenceu à família Guinle

*A história de
superação da judoca
Rafaela Silva,
ganhadora da
medalha de ouro nos
Jogos Olímpicos do Rio
de Janeiro, emocionou
o professor e acadêmico
Arnaldo Niskier, que
traduziu neste artigo
todo o seu sentimento
diante da vitória
conquistada por ela e
pela comunidade da
Cidade de Deus.*

OURO NA CIDADE DE DEUS



Rafaela Silva, de 24 anos, tornou-se a primeira brasileira a ganhar uma medalha de ouro olímpica. Moradora da Cidade de Deus, que conheço muito bem, foi uma menina briguenta, mas encontrou no judô o caminho para sua realização. Orientada pelo professor Geraldo Bernardes, durante 16 anos, deu uma grande alegria ao povo brasileiro, na Olimpíada do Rio de Janeiro, vencendo uma atleta da Mongólia no combate final, com um clássico wasari.

Não conheci Rafa antes dos Jogos Olímpicos. Mas andei pela região em que morou durante os seis anos em que coordenei os trabalhos de planejamento e construção da Escola Sesc de Ensino Médio (2006 a 2011), hoje com 560 alunos de todo o Brasil e alvo de uma grande admiração dos educadores.

Em 2005, com o prédio projetado pelo arquiteto Índio da Costa já de pé, fui chamado a uma reunião na Avenida Ayrton Senna. O então diretor do Sesc/Rio, Maron Abib, estava preocupado porque a escola era vítima de depredações noturnas. O que fazer para evitar isso? Pedi tempo para pensar e fiz uma visita à Associação dos Moradores da Cidade de Deus (Amunicom), presidida por José Neves, de quem me tornei amigo.

Ofereci uma biblioteca e muitos livros à Associação e, com o apoio do Sesc, obtive uma verba para a prática de esportes e dança, empolgando os jovens moradores da região. Com essa aproximação, conquistamos o coração dos moradores. Como previsto, a comunidade aderiu à

obra e passou a tratá-la como parceira. Nenhum vidro foi mais quebrado e nenhum roubo assinalado.

Em sinal de reconhecimento, a Amunicom criou a "Sala Ruth Niskier", inaugurada com grande pompa num sábado à tarde, com a presença da homenageada, ao lado da "Biblioteca Arnaldo Niskier", que também passou a ser muito utilizada pela garotada. Foi uma jogada de mestre.

Hoje, vibramos com a medalha de ouro da Rafa. Começou a vida como menina de rua. Quando a família optou pelas atividades esportivas, onde já se encontrava a sua irmã Rachel, logo foi possível encaminhá-la para a Olimpíada de Londres, em 2012. Parecia que ganharia a sua primeira medalha, mas ela foi desclassificada por um golpe ilegal numa adversária. Quando voltou ao Rio, através de incômodas redes sociais, Rafa sofreu um violento processo de *bullying*, tornando praticamente inviável a sua frequência à escolinha da Cidade de Deus.

Com a ajuda da família e dos seus mestres, a menina reagiu e voltou a praticar o judô, chegando agora à glória da medalha olímpica. Isso levou o campeão Flávio Canto, fã das duas irmãs, a comentar com muita propriedade: "Rafaela já era uma amostra real do poder de transformação do judô. Era uma menina que poderia ter seguido o caminho da violência caso o esporte não tivesse entrado em sua vida. Com essa medalha no peito, ela conseguiu colocar um holofote ainda maior nesse potencial. O esporte só tem a agradecer por isso." ■

ARNALDO NISKIER
da Academia Brasileira de Letras,
Presidente do CIEE/RJ e Licenciado em Matemática

O ENCANTADOR BOTO CINZA

*Ameaçado a desaparecer
ONG segue na luta em prol
da sobrevivência da espécie*

GABRYELLA MENDES

Toda vez que escutamos a palavra golfinho, logo formamos uma imagem em nossa mente: um bichinho dócil e inteligente, sempre feliz desfilando sua beleza pelas águas litorâneas. Quem nunca desejou, pelo menos uma vez, tirar a clássica foto dando um beijo no animal? Ou se encantou ao ter a oportunidade de ver seus belíssimos saltos? Até quem nunca os viu de perto,

reconhece seus peculiares sons e simpatiza, mesmo que involuntariamente, com a espécie. Mas você já parou para pensar que eles podem desaparecer? Ameaçado de extinção, o mamífero está classificado como vulnerável na lista vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza - IUCN.

No Brasil, quando se fala sobre golfinhos, certamente um dos primeiros locais a serem citados é Fernando de Noronha, um arquipélago pertencente ao estado de Pernambuco, conhecido por seu engajamento na preservação da espécie. O que muita gente não sabe é que a cidade do Rio de Janeiro também possui uma forte ligação com o mamífero, tendo o Boto-Cinza estampado em sua bandeira há mais de 120 anos.

Assim como o projeto Golfinho Rotador em Noronha, o Rio de Janeiro também segue na luta pela não extinção do mamífero com diversas iniciativas ambientais. Na Baía de Guanabara,

por exemplo, pesquisas estimam que, caso nenhuma medida seja tomada, a população de golfinhos – atualmente 38 – pode desaparecer em aproximadamente 20 anos. Ainda segundo essas pesquisas, essa população teria sofrido uma baixa de 90% nas últimas três décadas. O grande vilão, claro, é a poluição.

Quando se trata do gênero *Sotalia Guianensis*, popularmente conhecido como Boto-Cinza, é imprescindível citar a Baía de Sepetiba, localizada a 80 quilômetros do centro da cidade do Rio de Janeiro. A região abriga cerca de 800 botos, possuindo a maior concentração dessa espécie no mundo. Apesar disso, o rápido crescimento da localidade – que possui grandes empreendimentos – ameaça a sua sobrevivência.

Com o intuito de reverter esse quadro, surgiu, em 2009, a ONG Instituto Boto Cinza - IBC. Fundado pela gestora de projetos Elaine Ferreira e pelo biólogo Leonardo Flach, o projeto é a concretização do esforço que estudantes de biologia vinham fazendo, desde 1997, para estudar a espécie.

Trabalhando incansavelmente pela conservação do Boto-Cinza e do ambiente costeiro na região Sul Fluminense, o IBC tem a sua trajetória baseada em pesquisas e educação ambiental. Ao longo dos anos, firmou inúmeras parcerias com universidades, associações, unidades de conservação, entre outros, o que possibilitou a elevação do nível de conhecimento sobre a espécie. Foi através desses estudos em conjunto que descobriu-se que a Baía de Sepetiba apresenta a maior população de botos-cinza do mundo, mas que também é

Fotos: Divulgação



SERVIÇO:

Instituto Boto-Cinza
Endereço: Rua Gastão de Carvalho, lote
2, quadra 4, Itacuruçá, Mangaratiba- RJ
Telefone: 21- 7858-5072
Site: www.institutobotocinza.org



uma das que sofre a maior taxa de mortalidade. A partir dessa informação, o IBC conseguiu tornar o golfinho Patrimônio Natural de Magaratiba e ajudar a criar a Área de Proteção Ambiental Marinha Boto-Cinza.

Para o coordenador científico do IBC, Leonardo Flach, é preciso que as pessoas dimensionem a importância dessa luta em prol do Boto-Cinza. “Sem o nosso trabalho, provavelmente, a es-

pécie estaria em um processo acelerado de extinção local, como é o caso da Baía de Guanabara. Quando alguém fosse chamar a atenção para o desaparecimento desses animais nas águas cariocas, talvez, fosse tarde demais. Acredito que estamos fazendo a diferença não só para a conservação da espécie, mas também dos ecossistemas marinhos”, explica.

Apesar de não possuírem patrocínio atualmente, o Instituto Boto-Cinza

mantém vagas abertas para estágio obrigatório e voluntariado, além de receber estudantes de todas as partes do Brasil em sua sede. É nesse local que funciona um museu dedicado ao boto, onde as pessoas podem conhecer melhor a espécie, desde suas características até as ameaças à sua sobrevivência. O espaço está aberto ao público de segunda à sexta-feira, das 8 às 17 horas. A entrada é gratuita ▣



“A população de golfinhos, atualmente 38, pode desaparecer em aproximadamente 20 anos”.

Uma viagem com histórias para contar

Ônibus itinerante leva arte e literatura a diferentes cidades do Brasil

LAURA MIRANDA

Fotos: Divulgação



Um ônibus pode levar alguém a muitos lugares. Ao seu trabalho, em uma viagem inesquecível, a um parente distante ou até mesmo a um simples passeio. Mas e se esse ônibus pudesse te transportar a um universo cultural, onde livros, oficinas e canções te acompanham nesse caminho? Essa é a proposta do Projeto 1001 Histórias com Arte, que faz de um meio de transporte comum, um lugar onde o inesperado acontece.

No ano de 2014, a Auto Viação 1001 criou o projeto “1001 Histórias” onde um ônibus-biblioteca oferecia um extenso acervo de livros infanto-juvenis para crianças e jovens de escolas públicas. O projeto, que percorreu mais de 200 cidades e atendeu cerca de 600 mil crianças, foi reformulado em 2015 pela empresa Spiral Criativa, em parceria com o Instituto Jelson da Costa Antunes (IJCA), se transformando em um local onde o mágico poderia acontecer. Juntamente com os livros, agora um simples ônibus se transformava em uma itinerante biblioteca-ateliê multimeios.

Com cores fortes estampadas em sua lataria e a frase “seu melhor destino é a sua imaginação”, ao abrir suas portas o ônibus mostra que, assim como no ditado, de fato, a beleza está no interior. Além das prateleiras

Desenho, música, pintura e teatro são algumas das mais de 200 oficinas artísticas oferecidas para crianças de 7 a 9 anos





completas com diferentes gêneros da literatura infantil, tapetes, almofadas e futons criam um ambiente lúdico onde as crianças aprendem sobre os diversos trabalhos do artesão Mestre Vitalino à poesia de cordel. Sempre lembrando aos pequenos visitantes sobre a importância da leitura, as mais de 200 oficinas artísticas que são ministradas pela equipe pedagógica, utilizam desenho, música, pintura, cinema e teatro como formas de expressão dos sentimentos, percepções e atenção visual.

Somando-se as diversas programações que são oferecidas gratuitamente durante a semana para crianças matriculadas no primeiro e no segundo ano do ensino fundamental, aos fins de semana o ônibus 1001 Histórias com Arte participa de eventos promovidos pelos municípios em que passa e ao final de sua jornada, todas as atividades são catalogadas em um livro juntamente com um DVD interativo. O material é distribuído para escolas e bibliotecas públicas, sem custo, e tem como objetivo alcançar diferentes regiões. Para Carolina Butolo, sócia-fundadora da Spiral Criativa, o projeto tem a importante missão de despertar no público infantil um senso crítico que a acompanhe no decorrer do seu crescimento.

“Nosso principal objetivo é contribuir para a formação de novos leitores. Acreditamos que possibilitando o acesso dessas crianças ao universo da literatura estamos despertando o desejo delas pela leitura e conseqüentemente, abrindo portas para que elas sejam cidadãos mais conscientes e questionadores, verdadeiros atores da transformação social que tanto almejamos”, disse.

ROTA CULTURAL

Após passar por seis cidades, entre elas Itaboraí, Macaé e São Gonçalo, visitar 40 escolas e impactar mais de 2900 alunos, o ônibus do projeto 1001 Histórias com Arte coloca novamente suas atividades na estrada. No segundo semestre de 2016, o ônibus parte em direção as cidades de Rio das Ostras, Búzios e Macaé, onde permanece até dezembro oferecendo diferentes atividades para crianças de 7 a 9 anos. Para a professora de química Cláudia Nascimento, de 41 anos, a iniciativa influencia positivamente não somente a aqueles que participam diretamente do projeto, mas também aos cenários culturais das cidades.

“Durante alguns dias, o ônibus esteve em Niterói e resolvi levar o meu filho para conhecer. Chegando lá, eu

fiquei muito surpresa não somente com a linda estrutura, mas principalmente com as leituras e as brincadeiras que foram feitas. Hoje em dia, muito do que fazemos é informatizado e inevitavelmente vivemos em um mundo tecnológico. Ver as crianças se divertindo tanto com argilas e pinturas, passatempos que são considerados antigos, me deixou muito impressionada. Como mãe, foi impossível também não notar o carinho de todos os professores. Não importava as diferentes personalidades de cada criança, era nítido que todas estavam muito envolvidas! Para aqueles que irão receber o ônibus na cidade em que moram, incentivo que o visitem! Sem dúvidas, marcou a mim e ao meu filho!”, acrescentou Cláudia Nascimento. A agenda completa do 1001 Histórias com Arte pode ser encontrada no site do projeto, juntamente com os locais que receberão o ônibus itinerante para mais uma viagem □

SERVIÇO

Projeto 1001 Histórias com Arte
Site: <http://www.1001historiascomarte.com.br/>
Facebook: <https://www.facebook.com/1001historiascomarte/?fref=ts>



Dando vida a bonecos

Companhia de teatro de animação monta espetáculos com jovens de escolas públicas

MATHEUS SOUSA

Originado na pré-história, o teatro de bonecos encanta as diferentes gerações por onde passa. No Rio de Janeiro, essa arte milenar tem grande força no bairro do Maracanã, Zona Norte da cidade, por ser sede da Cia. Articulação - Teatro de Bonecos. Fundado pelo casal Michel Sousa e Juliana Werneck, em 2007, o grupo promove oficinas e se apresenta pelo país, principalmente em escolas públicas e projetos sociais.

A investigação artística é o trabalho de foco da companhia, assim definido por Michel. Segundo ele, o grupo não tem o compromisso de realizar vários espetáculos durante um ano, mas sim em priorizar os projetos educacionais. “Essa investigação envolve tanto a construção dos bonecos - em saber quais materiais utilizar -, quanto a elaboração de roteiro e a dramaturgia para teatro de bonecos. Então, nosso tempo de focar mais em repertório nunca existiu, porque a gente tem seguido nessa linha de montagem de espetáculo com jovens através das oficinas, que são os nossos ‘carros-chefes’”, explica.

As oficinas nas escolas, que são possíveis devido às Leis de Incentivo Cultural, do ISS (Imposto Sobre Serviços) ou da Rouanet, vão desde a produção do roteiro até a construção e manipulação de bonecos. Cada oficina, que costuma durar dois meses, cria seu próprio espetáculo. A temática é proposta por Michel e uma pesquisa inicial com uma escaleta (resumo ordenado com as cenas e/ou sequências) de como ele quer trabalhar esse espetáculo é desenvolvida, inserindo os alunos nesse apuramento de informações e reflexões que, posteriormente, são agregadas ao roteiro. Contudo, Juliana conta que em oficinas recentes esse método foi modificado. “Agora a gente já chega com um tema e vê se cola, se os alunos comprarem a ideia, vai. Senão, a gente precisa mudar em cima da hora para ser algo que eles se sintam interessados em participar”.

Com essa preocupação em motivar os alunos, a Cia. Articulação tem procurado trabalhar com a memória e a identidade local. “Nós fazemos muita oficina em bairros mais humildes, e os alunos costumam ter uma aversão a onde eles moram. Então, comecei a



Oficina de montagem realizada em Petrópolis



Os alunos participaram de toda a construção dos bonecos

buscar relações daquela localidade com a história do Brasil. E eles ficam encantados em saber que o hoje danificado rio Pavuna foi bastante importante para o escoamento do ouro no século XVII, por exemplo, quando realizamos a oficina na Pavuna (bairro da Zona Norte do município do Rio de Janeiro)", conta Michel.

Vendo um considerável número de alunos interessados em aprender cada vez mais sobre o universo do teatro de bonecos mesmo após as oficinas, a Articulação criou, em 2009, o Núcleo Articulação - Estudo e Prática de Teatro de Bonecos, com o intuito de dar continuidade ao trabalho desenvolvido nas idas às escolas. Até o final de 2014 as atividades do Núcleo aconteciam de forma permanente por um final de semana por mês, contando com um grupo fixo de dez aprendizes, mas depois uma interrupção se tornou inevitável. "O projeto ainda não possui uma estrutura necessária para ser algo do jeito que gostaríamos, muitos jovens começaram ter que arcar com responsabilidades dentro de suas casas ou com trabalho e faculdade. Não conseguimos manter. Sendo assim, estamos sempre em contato com ex-alunos convidando-os para fazer algum trabalho conosco de modo flutuante, que vai conforme a nossa disponibilidade e a deles.", diz Juliana. De acordo com ela, a companhia tem articulado a ideia de voltar com um funcionamento fixo na Arena Carioca Jovelina Pérola Negra, no bairro da Pavuna, em 2017.

Além de colaborarem com a construção e manutenção dos bonecos, os ex-alunos, que participam do Núcleo, ficam responsáveis pela monitoria em outros trabalhos que o grupo realiza, como exposições, palestras e *workshops*, contribuindo também na montagem dos espetáculos da companhia, que são "Proserpina - O primeiro feitiço", "Malas regionais - Lenda do uirapuru", "Raízes", "Inspetores da cidadania" e "Firmino Trancoso - O valente do sertão" □

SERVIÇO

Rua Visconde de Itamarati, 72,
Maracanã/RJ
Telefones: (21) 2528-7072 / (21) 98786-9829
E-mail: articulacao@ciaarticulacao.com.br
Site: www.ciaarticulacao.com.br

LONA PARA TODOS

Projeto oferece atividades artísticas na cidade do Rio, promove a participação popular e incentiva artistas locais

CAMILA ARAUJO E CAMILLA ALCÂNTARA

Quem já teve a chance de assistir a um espetáculo de teatro, um show ao vivo ou uma apresentação de dança ou música sabe o quanto fazem falta a existência de espaços culturais fora dos grandes centros urbanos. Essa realidade não se restringe ao público: a classe artística também questiona a pouca oferta de oportunidades para a produção e a realização cultural. No entanto, esse cenário vem se modificando desde o surgimento das Lonas Culturais, no ano de 1992. Mais do que propor uma inversão de rota aos cariocas, um dos principais objetivos das Lonas é democratizar o acesso à cultura, realizando eventos culturais nas regiões distantes do Centro e Sul da cidade. A ideia de um espaço coberto para manifestações artísticas de todo o tipo, em dez bairros do subúrbio do Rio, vem da necessidade de atender às demandas das comunidades por mais equipamentos de cultura e, também, de valorizar a produção independente.

As Lonas Culturais hoje são administradas pela Secretaria Municipal de Cultura, e lembram aquelas lonas sintéticas de circo – a diferença é que não são itinerantes. A programação de todas elas conta com a apresentação de shows, peças teatrais, exibição de filmes, cursos, oficinas e feiras de artesanato. Tudo começou após a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a ECO 92, quando as tendas utilizadas na cobertura dos locais de debate ficaram abandonadas e sem uso. Na época, grupos ligados a atividades culturais insistiram para que essas coberturas fossem reaproveitadas em projetos de arte e cultura pela cidade. E assim foi feito. Dez bairros do Rio foram contemplados pela iniciativa: Anchieta, Bangu, Campo Grande, Guadalupe, Ilha do Governador, Jacarepaguá, Maré, Realengo, Santa Cruz e Vista Alegre. Confira algumas delas.

*Para saber mais informações sobre as Lonas Culturais, acesse o site:
www.rio.rj.gov.br/web/smc/lonas-culturais*





LONA CULTURAL João Bosco

Nos anos 80, um conjunto de artistas do subúrbio carioca se reuniram através do Movimento de Integração Cultural (MIC) que sonhavam em ter um lugar onde pudessem manifestar ao público a beleza das artes. Com muita luta e resistência para se manterem ativos, os artistas conseguiram integrar o projeto de lonas do município, em abril de 1999, foi criada a Lona Cultural Municipal João Bosco.

Com 320 lugares e localizada no Parque Orlando Bernardes, em Vista Alegre, a lona João Bosco leva o nome do cantor, violonista e compositor mineiro consagrado na Música Popular Brasileira. Todo fim do ano, o homenageado se apresenta na lona. Além dele, diversos artistas já passaram por lá: Alcione, Adriana Calcanhoto, Ana Carolina, Cassia Eller, Nando Reis, entre outros. No entanto, o palco da João Bosco reserva um lugarzinho especial mesmo para os artistas locais.

“Muitos artistas famosos da MPB e do teatro já passaram por aqui, mas os artistas, as bandas e os grupos de teatro locais sempre encontram na nossa lona um espaço mais que especial para apresentar seus trabalhos. Desde o início do projeto, entendemos que a lona não seria apenas uma casa de show, mas um espaço aberto e plural”, conta Ulisses Lopes, secretário da lona. Para ele, o projeto das lonas re-

volucionou a cultura no Rio. “Podemos seguramente afirmar que o Projeto das Lonas transformou a produção e exibição artística no Rio, descentralizando o que até então se limitava aos espaços de Centro e Zona Sul”, enfatiza.

Para a equipe da Lona João Bosco, a cultura é vista como ferramenta de formação cidadã e pensando nisso, eles desenvolveram um projeto de Oficinas de Artes oferecidas gratuitamente a quem quiser participar. Há também a agenda anual de atividades que visam a resgatar a cultura popular, além de projetos desenvolvidos pelo MIC. “Aqui a gente procura valorizar as datas brasileiras. Fazemos produções especiais em eventos como Carnaval, Dia do Folclore, Festa Junina, Dia da Criança, Dia da Consciência Negra e Festa de Natal”, destaca.

Outro projeto é o “Feira, Feijão e Choro”, que reúne cerca de 1200 pessoas no quintal da lona para apresentações de grupos de chorinho, samba, dança de salão, jongo, poesia, e feira de artesanato. Os visitantes podem desfrutar a comida de boteco e a tradicional feijoada, tudo isso com entrada franca. “Aqui na Lona João Bosco procuramos dar vez aos eventos de multilinguagens, buscando a diversidade cultural, num espaço de convivência social”, conta Ulisses.

SERVIÇO

Endereço: Av. São Félix, 601
Parque Orlando Bernardes
Tel.: 2482-4316

Email: lonajoobosco.culturapresente@gmail.com

Funcionamento: Segunda de 14h às 22h De terça a domingo de 10h às 22h.

Facebook: <https://www.facebook.com/lonajooboscooficial>





LONA CULTURAL Elza Osborne

SERVIÇO

Endereço: Estrada do Rio do A, 220, Campo Grande - Rio de Janeiro
Tels: (21) 2413-2255 (21) 3406-8434
Site: www.lonacultural.com.br
Facebook: [facebook.com/Lona-Cultural-de-Campo-Grande](https://www.facebook.com/Lona-Cultural-de-Campo-Grande)

Campos Grande foi primeiro bairro a receber uma lona da ECO 92, inaugurando, assim, o projeto de lonas no município. Aberta de terça a sábado, das 9h às 22h, e domingo das 9h às 21h, a lona tem capacidade para 400 pessoas e oferece sessões de teatro, apresentações musicais, shows e feirinhas de artesanato. A entrada é gratuita para algumas atividades e, quando são atividades pagas, todos pagam meia entrada, em homenagem ao aniversário de 450 anos da cidade do Rio. Além disso, também abre inscrições para oficinas gratuitas de teatro,

violão, capoeira, danças e artes visuais.

A lona surgiu a partir do movimento Teatro de Arena Elza Osborne, formado por um grupo de jovens liderados por Herculano Leal Carneiro. Antes do Teatro de Arena, eles tinham criado juntos o Teatro Rural do Estudante e receberam um presente de uma engenheira chamada Elza Pinho Osborne: a construção do Teatro de Arena, transformado em lona na década de 90. Por esse fato, alguns moradores ainda o chamam pelo nome antigo, tamanha a importância que teve para o cenário cultural do bairro.

LONA CULTURAL Sandra de Sá

Na década de 90, as comunidades da Estrada dos Bandeirantes sofreram com uma enchente na área de Jacarepaguá. As famílias que perderam suas casas foram transferidas para um Conjunto Habitacional em Santa Cruz. Acompanhando a situação, Sandra de Sá fez uma campanha de arrecadação de doativos. Em 2004, os moradores não pensaram duas vezes ao prestigiar a cantora. Assim nasceu a Lona Cultural Sandra de Sá.

Márcio Franca, gestor cultural e administrativo da lona desde 2004, conta que o lugar já recebeu a visita da própria Sandra de Sá, mas uma das mais marcantes foi a de Chico Anysio, que cobrou apenas um real de entrada para sua apresentação, que recebeu 600 pessoas.

SERVIÇO

Endereço: R. Doze, 1 - Santa Cruz, Rio de Janeiro - RJ - Tel.: (21) 3395-1630
Funcionamento: De segunda à sexta, das 10h às 18h
E-mail: lonasandrasa.culturapresente@gmail.com



LONA CULTURAL Carlos Zéfiro

O desafio era de fazer renascer uma lona abandonada, e Régia Macedo, atual gestora da lona Carlos Zéfiro, topou. Em Março deste ano, a Lona foi reinaugurada com um show do cantor Leoni. A casa encheu, animando a nova gestora.

Os arredores do local são decorados com gravuras em preto-e-branco, um tanto quanto... apaixonadas. Em realidade, são desenhos eróticos de Carlos Zéfiro, homenageado do local. "Tivemos a cautela de escolher ilustrações menos explícitas, para não assustar os visitantes", comenta Régia. Morador de Anchieta, o funcionário público Alcides Aguiar Caminha publicou revistas em quadrinhos eróticas sob o pseudônimo de Carlos Zéfiro, sem ser descoberto. Apenas um ano antes de sua morte, anunciou a autoria dos desenhos.

Além de receberem editais de fomento da prefeitura, com espetáculos gratuitos



de teatro, a Lona dá preferência para apresentações de artistas que morem nas proximidades, com o objetivo de enaltecer a cultura local. O espaço também fica disponível para ensaios de grupos de teatro e dança do bairro. Kátia Silva, moradora de Anchieta, procura se informar da programação sempre que passa por perto da Lona. "Quero levar minha filha de um ano para conhecer teatros, musicais, cultura; pois eu amo cultura! Então, fico sempre de olho", compartilha.

SERVIÇO

Endereço: Estr. Mal. Alencastro, S/n - Anchieta, Rio de Janeiro
Tel.: 2148-0813
E mail: lonazefiro.culturapresente@gmail.com
Funcionamento: De segunda a domingo, de 09h às 17h
Facebook: <https://pt-br.facebook.com/lonacarloszefiro/>



LONA CULTURAL Terra

Alberto de Avayz, secretário da Lona Terra desde 2004, conta que além dos shows, o que mais movimentava o fluxo de pessoas são as várias oficinas que acontecem na Terra, gratuitas ou a preços baixos. Duas vezes ao mês, há a exibição do cineclube, que ocorrem em terças-feiras, e no último sábado de cada mês acontece um sarau.

Outra característica desses cantinhos culturais é a oportunidade de o espectador se tornar espetáculo. "Se a população possui algo bom para apresentar, nós vamos receber. O palco é para todos", apresenta Alberto. E completa: "é um espaço público para o público. Antes, nós tínhamos o foco na democratização da cultura, em dar acesso a quem queria assistir. Hoje, mais que a democratização, nós queremos a democracia da cultura, desejamos que as comunidades possam se apresentar" □

SERVIÇO

Endereço: R. Marcos de Macedo, s/n - Guadalupe, Rio de Janeiro - RJ,
Tel.: 3018-4203
E mail: lonaterra.culturapresente@gmail.com
Funcionamento: 2ª a 6ª de 10h às 17h e aos sábados de 10h às 12h
Facebook: <https://www.facebook.com/lcmterra/>

LONA PARA TODOS



TRÊS DÉCADAS DO TRIO DE TRÊS

TALITA JEOLÁS

Há 30 anos Grupo de São Gonçalo leva arte para todo Brasil



Foto: Centro de Artes da UFF

A cada espetáculo, os bonecos despertam o interesse da garotada

SERVIÇO

Grupo de Teatro Trio de Três
Email: cleisecampos@gmail.com
Site: teatrodebonecostriodetres.blogspot.com.br

Palco, cortinas, cenários e bonecos. Elementos simples que persistem, há três décadas, no fortalecimento da cultura popular brasileira, dando destaque à integração da arte com a educação. Para a idealizadora do Trio de Três, a professora de História Cleise Campos, o grupo “trata-se de um experimento, uma brincadeira séria”, do qual também faz parte a artista plástica Lucia Bela. Tirada do papel em 1986, a companhia realiza espetáculos em todo o estado do Rio de Janeiro e coleciona histórias de suas viagens pelo Brasil e América do Sul.

Tudo começou com “Beto: o Boneco”. Cleise, apaixonada por bonecos desde a infância, passava suas tardes catando palitos de picolé, que posteriormente eram transformados em personagens. Cuidava para que os palitos fossem colados da maneira correta e formassem a silhueta de um boneco. A mãe de Cleise, enxergando talento na filha, presenteou-a com um boneco de luva e vara: o Beto, que além de ainda participar dos espetáculos e ser mascote do Trio de Três, tem lugar especial no coração de Cleise. “Ele é a tradução do meu tamanho infantil, da porção criança que nunca devemos abandonar”, relata.

A ideia de montar apresentações educativas nasceu por encomenda, em 1996. Professor de uma escola em crise, um amigo de Cleise lhe fez um pedido de socorro quando alguns alunos começaram a desenhar símbolos nazistas em quadros e espancar colegas negros. “Eu estava há dez anos sem dar aulas quando meu amigo pediu por um espetáculo que tratasse de escravidão e neonazismo. Percebi que a ideia de juntar educação com arte poderia render muito, então desenvolvi um total de 15 aulas contando a História de uma maneira leve e divertida”, relembra Cleise. A série ganhou nome de “O Trio Conta a História” e passa mensagens apostando na empatia com o público por meio da formação histórica.

Em uma de suas oficinas de bonecos, Cleise conheceu Lucia Bela, que se destacou como aprendiz. “Convidei a Lucia para formar a dupla, e como os bonecos eram as atrações principais, viraram o terceiro integrante do grupo. Daí o nome Trio de Três”, conta Cleise. Filiado à Associação Rio de Teatro de Bonecos, a companhia participa anualmente do Festival de Teatro de Canela, um dos mais importantes do mundo no gênero, além de percorrer diversos espaços alternativos e convencionais com suas apresentações sempre inovadoras.

Em trinta anos de bonecagem, Cleise tem muitas histórias para contar. “Uma vez saímos por aí sem roteiro ou qualquer garantia de agenda. Pegamos a estrada com muita coragem, a entrega era apaixonante! Paramos em diversas cidades esperando cachê para que pudéssemos seguir viagem, fizemos apresentações nas ruas passando chapéu. A vida de mambembe era sem dúvidas instável, mas maravilhosa!”, encerra a apaixonada por bonecos, pela arte e pela vida ■

**O PERIGO FICOU
3 VEZES MAIOR**

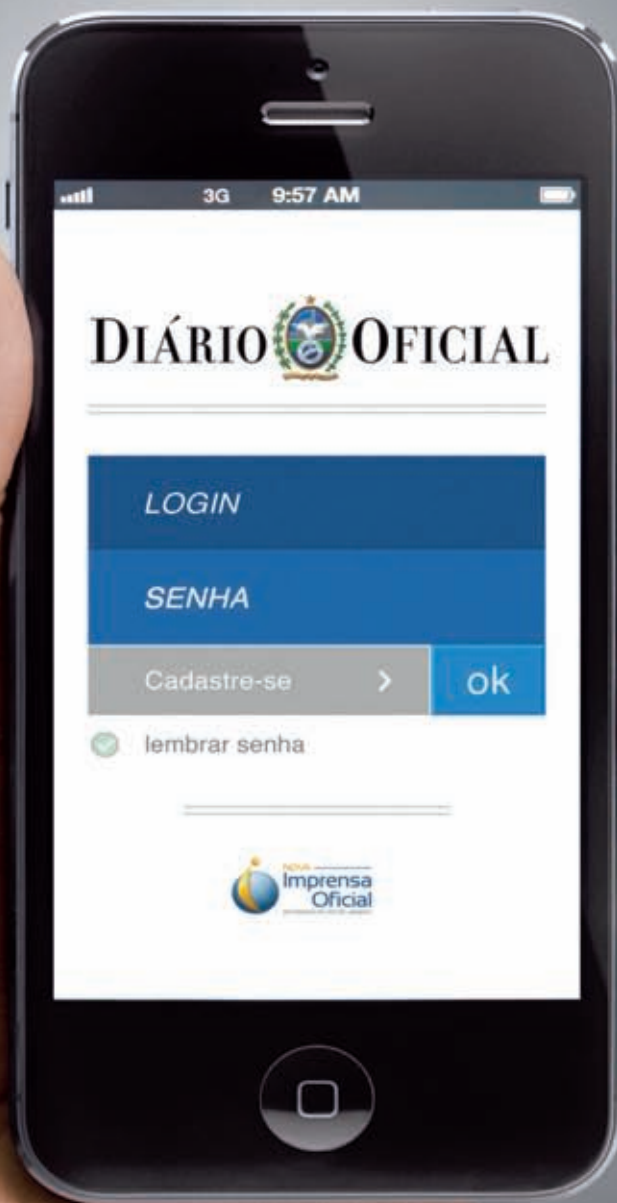


**MINUTOS
SALVAM
VIDAS**

riocontradengue.com.br

**Bastam 10 minutos para acabar com a dengue,
a chikungunya e agora também a zika.**

UMA NOTÍCIA QUE VAI FAZER
O SEU CELULAR VIBRAR:
SIGA VOCÊ MESMO NA
INTERNET!



**NOVO APLICATIVO DO DIÁRIO OFICIAL DO RIO DE JANEIRO.
SE É OFICIAL, ESTÁ AQUI.**

Com o aplicativo do Diário Oficial, você fica por dentro de todas as publicações legais a seu respeito. Se você espera uma aprovação em concurso ou vestibular público, ou quando você se forma, seu smartphone recebe uma notificação imediata cada vez que seu nome, ou CPF, for publicado. Você pode utilizar, também, para acompanhar processos do início ao fim e saber sobre recursos, audiências e todas as atualizações.

É a Imprensa Oficial trazendo mais agilidade e transparência para você.



Baixe o aplicativo em www.imprensaoficial.rj.gov.br/aplicativo